



COLONIALIDADE DE GÊNERO: O FEMINISMO DECOLONIAL DE MARÍA LUGONES

Josimere Serrão Gonçalves¹
Joyce Otânia Seixas Ribeiro²

Resumo

Este trabalho trata sobre as contribuições da teorização decolonial de María Lugones, discussão está fundamental para se pensar o contexto Latino Americano no que tange as questões de gênero e raça. A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica e na revisão de literaturas a partir da perspectiva teórico-metodológica orientada por autores como: Lander (2005) que trata sobre o colonialismo; Quijano (2005) que debate sobre o conceito de colonialidade e Lugones (2004) que discute a respeito da colonialidade de gênero. Esses referenciais foram/são necessários para que possamos desconstruir conceitos e formular outras cosmovisões onde sejam possíveis que vozes do contexto latino americano entre esses o brasileiro/ amazônida também possam compor novas produções.

Palavras-chave: Colonialidade de gênero. María Lugones. Feminismo decolonial.


Introdução

Quem somos nós habitantes da América Latina? O que falam de nós? O que pensam de nós? Somos vistos como o outro, o diferente, o não humano, o sem cultura, o sem saber? Somos uma invenção do ocidente? Não é fácil pensarmos que tudo o que vemos, conhecemos, falamos, vivenciamos, seja uma invenção que outros produziram de nós. Este trabalho configura uma possibilidade de dialogar com outras perspectivas que mostram a necessidade de produzir a história a partir da visão do colonizado e não mais do colonizador. Por isso, trará as contribuições da teorização decolonial de María Lugones para compreendermos o contexto Latino Americano no que se refere às questões de gênero e raça, numa perspectiva feminista decolonial de resistência.

¹ Pedagoga, Especialista em Coordenação e Organização do Trabalho Pedagógico; Especialista em Relações Raciais para o Ensino Fundamental. Técnica em Educação na rede estadual de ensino (SEDUC/PA). Integrante do Grupo Experimentações: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Subjetividade e Sexualidade na Educação Básica (Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins-UFPA). E-mail: josi-goncalves@hotmail.com

² Professora de Didática da FAECS-UFPA/Abaetetuba. Professora do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/NEB/UFPA), Linha de Pesquisa: Currículo da escola básica; Líder do GEPEGE: Grupo de Pesquisa em Gênero e Educação (Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins-UFPA). Mestrado e Doutorado em Educação e Políticas Públicas (UFPA). E-mail: joyce@ufpa.br





Para este caminho o texto está estruturado em quatro eixos. No primeiro faremos um breve histórico sobre María Lugones apontando os caminhos que a aproximaram desta temática. No segundo item, apresentaremos uma abordagem conceitual sobre o colonialismo. No terceiro tópico, traremos um enfoque sobre a colonialidade. Finalizaremos com a teorização decolonial de María Lugones para se pensar um feminismo de resistência. Esses referenciais foram/são necessários para que possamos desconstruir conceitos e formular outras cosmovisões onde sejam possíveis que vozes do contexto latino americano entre esses o brasileiro-amazônida também possam compor novas produções.

Breve histórico sobre María Lugones

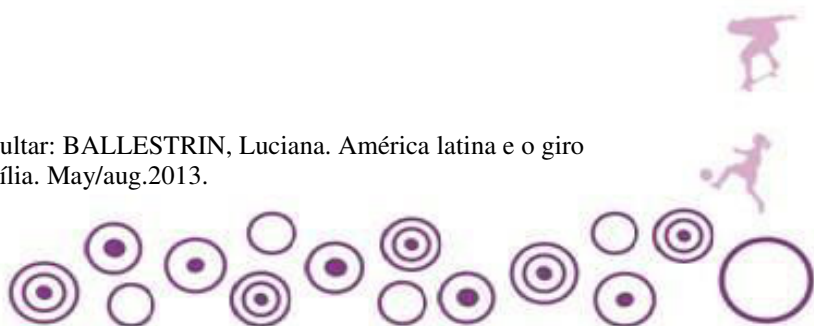
María Lugones nasceu nos pampas da Argentina. No que diz respeito a sua formação, cursou bacharelado em Artes na área da Filosofia na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Conquistou a titulação de mestra em Artes e doutoramento em Filosofia pela Universidade de Wisconsin em Madison. Mulher, filósofa, crítica social e feminista assumiu a cadeira de professora de literatura comparada, interpretação, cultura e filosofia dos estudos da mulher na Universidade de Binghamton em Nova York.


O grande salto para a teorização de Maria Lugones, foi sua integração junto ao Grupo Modernidade/Colonialidade³. O grupo Modernidade/Colonialidade reúne pensadores críticos sobre a América Latina que se debruçam nas discussões em torno das relações de poder experimentados a partir da conquista das américas. Com esses pensadores, a América Latina começou a ser vista como um *locus* de enunciação, sendo precursores deste debate Walter Mignolo e Aníbal Quijano com suas primeiras epistemologias decoloniais. Vejamos nas palavras de Ribeiro (2014, p.72) como acontece este giro decolonial.

(...)Walter Mignolo e Aníbal Quijano assumem o desafio epistemológico do *giro decolonial* que exige a vivência e o testemunho dos desmandos da colonialidade e da experiência nodal da subalternidade para tornar mais radical a crítica realizada à modernidade eurocêntrica-setentrional. No diálogo com o *Grupo de Estudos Subalternos do Sul da Ásia*, alguns intelectuais latino-americanos encontram pontos de contato que lhes permitiram fundar, por sua vez, no continente o *Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos*, que não demorariam muito para que, ainda que em sintonia com os investigadores indianos, se propusessem a marcar sua diferença e originalidade.

Esta aproximação possibilitou cunhar o termo colonialidade de gênero, ampliando as formas de colonialidade até então consideradas apenas a do poder, saber e ser. É neste

³ Sobre o grupo Modernidade/Colonialidade consultar: BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. Revista. Bras.Ciência.Pol. nº 11. Brasília. May/aug.2013.





sentido, que realiza a intersecção entre as categorias de raça, gênero e colonialidade, como veremos mais adiante. Passemos agora para o conceito de colonialismo.

Colonialismo: conceito, contexto e práticas

O colonialismo vem do termo “colônia” proveniente do latim, significa terras novas para o cultivo. A terminologia diz respeito tanto “as práticas, teorias e atitudes relacionadas ao estabelecimento e manutenção de um império” (CASHMORE,2000). Nestes termos, as colônias ficavam sobre o domínio ou comando de um Estado que possuía soberania política para com o território conquistado. Mas este tipo de dominação somente foi possível devido a invenção de uma arma poderosa “ a invenção da categoria cultural”. Por ela, o colonialismo conseguiu ocupar espaços ao penetrar pela cultura. Sua meta era civilizar o resto do mundo, haja vista que, o colonizador, considerado civilizado, dono de uma história, pertencente ao ocidente possuía o aval para colonizar outros espaços que eram tomados como territórios de seres inferiores, que não possuíam histórias, vistos como incivilizados, sem cultura, não humanos, sem alma, sem coração, bárbaros, portanto, não considerados homens.


Em 1492 Cristóvão Colombo chega a América Latina. É um processo tão violento de colonização, que alcança todos os povos deste espaço. A dominação não foi somente de território, mas também cultural, o que possibilitou uma narrativa universal tornando a Europa como o centro dos saberes, linguagens, memoriais no imaginário do colonizado, como nos aponta Lander (2005).

Com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas, simultaneamente a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (Mignolo, 1995) e do imaginário (Quijano, 1992). Dá-se início ao longo processo que culminará nos séculos XVIII e XIX e no qual, pela primeira vez, se organiza a totalidade do espaço e do tempo. Todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados numa grande narrativa universal. Nessa narrativa, a Europa é ou sempre foi simultaneamente o centro geográfico e a culminação do movimento temporal (LANDER,2005. P.10).

As estruturas coloniais neste sentido, foram mantidas pela força, pelo poder militar, ao mesmo tempo também por intermédio de outras operações que possuíam a função de formar mentalidades coloniais de inferioridade, de submissão, de subalternidade. O colonialismo resumindo, foi um movimento de dominação. Vejamos a seguir, depois deste panorama histórico como esta mentalidade colonial permaneceu/permanece viva e operante, pontos de análise que compuseram as teorizações de María Lugones ao aprofundar seus estudos a partir dos conceitos centrais de colonialidade do poder, do saber e do ser para construir o conceito de colonialidade de gênero, rumo a um feminismo decolonial.

Conhecendo as perspectivas de Colonialidade: Poder, Saber e Ser





As discussões anteriores pontuaram que o colonialismo consiste em um movimento de dominação para o estabelecimento de colônias. Essa dominação, por sua vez permanece viva nas relações sociais, mas agora, com uma nova roupagem. A colonialidade neste prisma é mais duradoura, está no conjunto de discursos, práticas e atitudes, que tem como principal objetivo a subalternização dos povos colonizados e a permanência da hegemonia da nação colonizadora (QUIJANO, 2005). A colonialidade se mantém viva no saber, na cultura, no senso comum, na autoimagem, no cotidiano, no comportamento, nas crenças, nas formas de relação do trabalho, nas formas de pensar (DIAS apud TORRES, 2015). A colonialidade está presente em três bases principais: poder, saber e ser.

A colonialidade do poder foi elaborada por Anibal Quijano. Pode ser entendida como política. Se expressa no domínio político, territorial e no controle das matérias primas. Faz deste modo “a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial” (QUIJANO, 2005, p117).


A colonialidade do saber por sua vez está relacionada a questão epistemológica, que é a produção do conhecimento elaborado pelas ciências, dentre elas também as ciências sociais. É a apropriação cultural ou ocultação de determinada cultura para a imposição de um conhecimento universalizante, neste caso o conhecimento ocidental que ao mesmo tempo inferioriza tudo o que é proveniente dos saberes, conhecimentos, filosofias e pensamentos não-europeus (DIAS apud RESTREPO; ROJAS, 2015).

A colonialidade do ser foi um conceito primeiro utilizado por Walter Mignolo para tratar sobre a experiência vivida dentro da colonização. Torres (2003) para explicar o processo de desumanização a utiliza no sentido de demonstrar como (na perspectiva eurocêntrica) o colonialismo impacta não somente o imaginário, mas a própria experiência cotidiana. Portanto, por meio da colonialidade do ser determinam que os nativos (nós), não são humanos, são irracionais, indolentes, sem capacidades cognitivas, violentos, rudes, brutos, sem modos, sem ciência, sem cultura e sem controle da sexualidade. A partir desta última categoria “Colonialidade do ser” Maria Lugones começa a refletir sobre raça e gênero elaborando o que denomina “colonialidade de gênero”.

Teorização decolonial de María Lugones: Por um Feminismo de resistência

Ao analisar a diferença colonial, em seus aspectos materiais, econômicos, políticos e culturais, principalmente nos aspectos relativos à colonialidade do ser, Lugones identifica que os escritos até então construídos no Grupo Modernidade/Colonialidade baseavam-se em





conceitos eurocêntricos e heteronormativos sobre gênero, daí realiza uma crítica a Aníbal Quijano, pois a composição de gênero do mesmo configurava-se em uma perspectiva biológica. Isto a impulsionou a construir o quarto conceito de colonialidade: a colonialidade de gênero que para ela envolve três questões: o conceito de colonialidade e modernidade europeia, o eurocentrismo e a interseccionalidade entre raça e gênero. Assim percebe que o gênero é relacional e por esse motivo um modo subjetivo de dominação, atravessado pela interseccionalidade de gênero e raça.

Para Maria Lugones (2008) quando o sistema moderno colonial utiliza de estratégias e práticas discursivas para colonizar os nativos (homens e mulheres) está recorrendo a uma dimensão de gênero. Aplica neste sentido, o conceito moderno de colonialidade, pois, termina por controlar condutas, determinar normas para que se tenha bem claro como podem ser homens e mulheres pertencentes a América Latina. Também, perpassa pelo eurocentrismo, pois o sistema colonial determina um padrão, isto é, o homem do ocidente é superior ao homem não ocidental. Tem uma dimensão racial, pois mulheres não brancas, as nativas, são invisibilizadas neste sistema.


Segundo Lugones (2014) antes da chegada dos colonizadores nas américas haviam outras posições de gênero que não estas hierarquizadas e dicotômicas inventadas pelos colonizadores, que impuseram gêneros binários na qual os homens assumem o modelo patriarcal, destruindo estruturas tribais que vivenciavam outros modelos, como os matriarcais.

Lugones (2008) também afirma que o sistema colonial de gênero é marcado pela combinação entre raça, gênero, sexualidade e classe. Essa combinação é o que considera a ocorrência da interseccionalidade. Para trabalhar este conceito a autora buscou as teorizações de Kimberle Crenshaw (2002) que argumenta que categorias de opressões combinadas podem afetar a vidas das pessoas. Assim com esta compreensão interseccionalizada, Lugones evidencia que a colonialidade de gênero no sistema moderno colonial representa uma ferramenta específica para se entender o espaço Latino Americano.

Mas quais seriam os legados de Maria Lugones para a construção de um feminismo de resistência? Lugones nos propõe uma teorização de resistência. Faz uma denúncia para combatermos não mais a colonização e sim a colonialidade de gênero que ainda persiste.

Um feminismo de resistência na perspectiva desta autora sugere que possamos contestar as formas de dominação, para que assim sejam oportunizadas construções epistemológicas em que mulheres que estão no entre lugar, nas fronteiras, que vivam múltiplas opressões possam ter outras oportunidades. Então precisamos descolonizar o saber e o ser para dar espaço para um feminismo decolonial. Desta forma, será possível escutar a voz





dos não ditos, dos não humanos (mulheres, negras, indígenas entre outras) ou seja, dar voz a categorias que não foram representadas. Lugones (2014) faz um giro propondo uma metodologia de descolonização na qual seja produzida uma pedagógica decolonial que concebe o gênero como relacional e racializado. Por isso, um feminismo de resistência captura estas múltiplas formas de opressões produzidas e propõe o enfrentamento, a descolonização do poder, do saber, do ser e de gênero para nos compreendermos enquanto latinos americanos.

Considerações finais

Maria Lugones nos oferece um insumo teórico-metodológico para pensar e problematizar o contexto da América Latina e nestes termos, nos voltarmos para nosso local – o território brasileiro-amazônida. Nos faz refletir que não conhecemos nosso lugar, ou que, mais recorrente é, que estrangeiros sejam os produtores de conhecimentos sobre nós, e com mais propriedade. Precisamos conhecer nosso lugar, assumir nossa identidade de colonizados. No entanto assumir que somos colonizados (atrasados, ribeirinhos, caboclos, amazônidas, subdesenvolvidos, latinos americanos) requer o enfrentamento com as concepções que nos foram transmitidas ao longo de todo um processo de formação, dentro de um padrão hegemônico. Para reverter este quadro outras vozes precisam ecoar para buscar a positividade destes contextos e sujeitos. Um feminismo de resistência a partir da teorização de Maria Lugones, nos convida a questionar nossas bases teóricas- epistêmicas. De onde elas vieram? Quem as produziu? Precisamos conhecer nossa história sim. Conhecer é imprescindível para fomentar mais o debate e produzir conhecimento que não seja mais a do colonizador sobre os colonizados. É necessário resistir.

Referências


BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira. Brasília, 11: 89-117. 2013.

CASMORE, Elis. **Dicionário de relações étnica e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CRENSHAW. K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Florianópolis, v.10, n.1, p171-188, jan.2002.

DIAS. Leticia Otero. **O feminismo decolonial de Maria Lugones**. 8º ENEPED UFGD. 5º EPEX – Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão. UEMS. Janeiro/2015.





LANDER, Edgardo. (org) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**, CLACSO. Buenos Aires, Argentina. Set. 2005

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rsa. Bogotá. Nº 9: 73-101, jul-dez, 2008.

LUGONES. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas. Florianópolis. Set-Dez. 2014.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e America latina. A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências sociais**. Buenos Aires. CLACSO. (2005).

RIBEIRO. Adelia Miglievich. **Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna**. Civitas. Porto Alegre. v. 14. Nº1. P.66-80. Jan-abri. 2014.

TORRES, Nelson Maldonado. **Sobre la colonialidad del ser: contribuições al desarrollo de um concepto**. 2007.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

